

Conhecimento, cultura e sociedade, enquanto sustentação na construção coletiva do conhecimento crítico-reflexivo do educador/tutor na educação a distância.

Valéria Pinto Freire (Unit/SE)
valeria_freire@unit.br

Ronaldo Nunes Linhares (Unit/SE)
ronaldo_linhares@unit.br

RESUMO: A partir do conceito e das categorias de conhecimento de MORIN (2002), refletimos sobre o papel e funções do educador/tutor enquanto sujeito/objeto do conhecimento e sua proposta de orientação de aprendizagem em EAD. Como projeta sua identidade profissional, constrói, reconstrói, amplia e socializa seu conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento, EAD, Educador/Tutor.

ABSTRAT: From the concept and of the categories of MORIN knowledge (2002), we reflect on the paper and functions of subject the tutorial educator/while/object of the knowledge and its proposal of orientation of learning in EAD. As it projects its professional identity, it constructs, it reconstructs, it extends and it socializes its knowledge.

KEY WORDS: Knowledge, Distance Education, Tutor/Teacher.

RESUME: À partir du concept et des catégories de connaissance de MORIN (2002), nous reflétons sur le papier et les fonctions de l'éducateur/tuteur tant que je soumets/objet de la connaissance et à sa proposition d'orientation d'apprentissage dans EAD. Comme il projette son identité professionnelle, il construit, il reconstruit, il élargit et socialise sa connaissance.

MOTS-CLE: Connaissance, Éducation Distance, éducateur/Tuteur.

1. Introdução

O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação nos últimos anos contribuiu para o surgimento de novos projetos educacionais e a consolidação de uma modalidade diferenciada de educação, a Educação a Distância - EAD. O que antes era inexecutável enquanto deslocamento no espaço e uso do tempo para os estudos e formação contínua da mão de obra, passou a constituir possibilidade real de educação determinado pelo próprio indivíduo. A Educação a Distância tem sido apresentada como uma prática educacional de inclusão de milhares de pessoas que não estavam inseridas no processo educacional.

Trata-se segundo Garcia Aretio de:

“Um sistema tecnológico de comunicação de massa e bidirecional, que substitui a interação pessoal em aula, de professor e aluno, como meio preferencial de ensino, pela ação sistemática e conjunta de diversos recursos didáticos e o apoio de uma organização tutorial, que propiciam a aprendizagem autônoma dos estudantes”. GARCIA ARETIO (1994: 6).

Nesta modalidade de ensino observamos alguns elementos de importância fundamental e relevante, independente da posição estratégica que ocupem: tutor - processo de mediatização e comunicação - aluno constituem tríade, indissociável que necessita estar em constante e ininterrupta interação, esta tríade deve ser permanentemente alvo de reflexão por serem estes elementos condutores de respostas positivas e/ou negativas - aos programas e as diretrizes didáticas e educacionais que são utilizadas para efetivação da proposta educacional - às instituições que promovem a EAD. Como a qualificação do corpo docente permanece como foco de grande preocupação tanto para a modalidade presencial, semi-presencial ou para a modalidade à distância, o processo de formação do educador/tutor se constitui em prioridade não apenas para o reconhecimento dos cursos, para que adquiram credibilidade no contexto social em que estão inseridos, mas, sobretudo para o envolvimento dos alunos na proposta de auto-aprendizagem.

Esta realidade amplia as reflexões sobre o papel da educação e de sua relação com as tecnologias na sociedade contemporânea e por extensão, sobre o perfil do educador neste contexto. Já não nos satisfaz pensar a educação como simples repasse de conteúdos e conceitos, como meio ou uma modalidade de ensino, a educação que se insinua precisa de um educador diferenciado com domínio do conhecimento de sua especialidade e profundo conhecimento universal e metodológico. Para EAD, o perfil a que nos referimos de um educador/tutor deve conter competências bem mais complexas porque o corpo discente dos cursos a distância se constitui de um público heterogêneo por essência. Um sistema tutorial só é eficaz se existir no processo ensino-aprendizagem um contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. Acompanhar, motivar, nortear, despertar no aluno o espírito de pesquisa e autodidatismo, instigando o diálogo, o debate e o confronto entre opiniões diferentes, diversas culturalmente, é possibilitar ao aluno construir novos esquemas mentais e através das múltiplas interações mediatizadas pelo educador/tutor concretizar práticas de uma nova cultura educacional e uma nova postura frente ao conhecimento.

Estes elementos fazem parte do processo de aprendizagem em qualquer modalidade de ensino, no caso da educação a distância devem estar obrigatoriamente presentes no projeto pedagógico, no material de aprendizagem e no processo de mediatização que estruturam o acompanhamento ou tutoria do aluno. Portanto, o educador/tutor na modalidade a distância tem que se apropriar de um conhecimento cada vez mais complexo e totalizante, e assim poder apoiar e acompanhar o desenvolvimento do aluno em cada um dos passos propostos no projeto pedagógico do curso.

Neste texto, temos a pretensão de refletir sobre o conhecimento, como categoria conceitual proposto por Morin (2002), fundamental na construção de um modelo de educação a distância. Este esforço teórico tem como objetivo compreender, num programa de EAD a relevância do educador/tutor enquanto sujeito em sua prática de orientação da aprendizagem.

2. O conhecimento como ponto de partida

Um movimento transformador e renovador tomaram conta das ciências, em especial das chamadas “ciências duras”, libertando-a das amarras estabelecidas pelos séculos de normatização ancorada em leis, conceitos e regras que definiam uma verdade única para as coisas e determinavam o que é saber científico e empiria e sua diferenciação dos saberes da tradição. Estar no mundo e compreendê-lo implicavam pensar e refletir esse mundo através de uma ótica cartesiana onde o saber científico se construía a partir de uma lógica matemática simplificadora, reducionista e positivada. Para Linhares (2006), coube a Escola, como espaço de socialização e de formação instituído pela modernidade, traduzir e publicizar este paradigma, estruturando suas proposições e práticas de aprendizagem na fragmentação do conhecimento e imprimindo durante décadas uma racionalidade irrefutável que separa o sujeito do mundo, do estar no mundo e do objeto, desconectando o conhecimento de seu estado interativo com as categorias essenciais da vida, que Morin (2002:25) nomeia “bio-antropo-socioculturais”.

“As sociedades só existem e as culturas só se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através das interações cerebrais/espirituais¹ entre os indivíduos. (...) O conhecimento de um indivíduo alimenta-se de memória biológica e memória cultural associadas em sua própria memória que obedece às várias entidades de referência diversamente presente”. (19:20)

Morin conclui que entre sujeitos pensantes e seus estados de ser-no-mundo, a sociedade se estrutura a partir de uma cultura que é ao mesmo tempo organizadora e organizada a partir de um capital cognitivo que emerge das interações a partir de um saber coletivo acumulado em memória social.

A transformação na organização, produção, distribuição e aquisição do conhecimento é apenas um dos aspectos entre outros de uma transformação mais visceral que envolve processos cognitivos que se entrelaçam com aparatos de cultura, modelos comunicacionais, recursos tecnológicos e dispositivos de interação. A pesquisa em educação tem buscado novas e criativas formas de colocar o sujeito como edificador de uma ação-reflexão-ação que possibilite o enriquecimento estrutural de seu “Terminal Pessoal”² (2002:22), de interações sociais capaz de compreender as fontes de organização de uma sociedade: idéias, crenças, os símbolos e mitos imprimidos em seu cérebro-espírito pelas normas e determinações culturais. Reconstruir um itinerário que nos faça lembrar da natureza subjetiva do conhecimento e de como estamos todos impregnados de nossas próprias

¹ Cerebrais/espirituais, troca que se estabelece através de capacidades cognitivas biológicas, sociais, antropológicas e culturais. MORIN, Edgar. O Método 4: As idéias, habitat, vida, costumes, organização. Sulina, 2002.

² Terminal Pessoal diz respeito a “memória biológica, de memória cultural, associadas em sua própria memória, que obedece a várias entidades de referência, diversamente presentes nela”. (2002:21)

leituras do mundo, de um “Imprinting Cultural”³ (2002:25) sem retorno, o que equivale reintroduzir o sujeito no conhecimento e o conhecimento no sujeito, neste sentido, fica explícita a relação de indissociabilidade entre o sujeito que conhece e o fenômeno/objeto que ele quer explicar entender, compreender. Esta não é uma certeza estabelecida cartesianamente, é muito mais um esforço contra a disjunção (Morin, 1998), um exercício de construir para o conhecimento uma visão sistêmica e autopoietica (Maturana, 1997, 1998).

Lembra-nos Morin que no processo de renovação, a escola, instituição calcada na tradição do pensamento simplificador vem buscando novas alternativas compensatórias, obrigada pela superação de um tempo em que se manteve como lócus de um conhecimento fechado, definitivo, recheado de certezas e preso a postulados irretorquíveis, de relações determinadas e imutáveis. As mudanças sociais e técnico-científicas ocorridas exigem que a escola procure responder as questões e demandas surgidas e/ou ampliadas com a contemporaneidade, assim cresce o interesse e a valorização de um conhecimento e pensamento mais complexos destacando o sujeito cognoscente e seu imbricamento com as experiências que o constrói.

Na reforma do pensamento de Morin (2001) todo conhecimento é interpretação seguida obviamente de uma reconstrução, e como toda possibilidade de tradução é passível de erros e ilusões, que surgem em simulacro constituído pelo processo de percepção e decodificação do mundo e da realidade dos acontecimentos (dos fenômenos e das informações) gerados pelo próprio sujeito e que retroagem sobre ele. Segundo Morin o conhecimento nunca é um reflexo ou espelho da realidade, mas um conjugado de fatores que vão dos valores às atitudes, das referências às crenças anteriores e emoções, que são determinantes para as traduções e reconstruções do conhecimento que se apresenta, portanto é preciso ter uma visão capaz de situar o conjunto. “Rejuntar” o que o pensamento divisor da hiper-especialização disciplinar separou é transgredir os limites confiáveis e confortáveis das disciplinas, o esforço de fazer com que os saberes dialoguem é ensinarmos as condições de um conhecimento pertinente, ou seja, conhecimento este que não faz de seu objeto um mosaico de incertos cacos que jamais se encaixam.

Morin (2002) salienta que existe entre as disciplinas um elo invisível, uma conexão invisível e que no desconhecimento opera uma mutilação que pode ser sanada pela capacidade de contextualização. Os erros que emergem de algumas ciências estão circunscritos na superlativação que estas ciências dão aos aspectos concretos que é apenas uma dimensão dessa sociedade, esquecendo-se que os aspectos humanos como sentimento, desejo, paixão, prazer, temor, medo fazem parte dessa realidade social multidimensional e que, portanto é necessário contextualizar todos os dados e circunstâncias. As sociedades e culturas existem e se formam, conservam, transmitem e desenvolvem através de interações “Cerebrais/Espirituais” entre os sujeitos, o que sugere potencialidades “bio-antropo-socioculturais” de conhecimento na relação entre espíritos individuais e a cultura que não é indistinta, mas hologramática e recursiva. As instâncias produtoras de conhecimento se co-produzem umas às outras num processo denominado de “Unidade Recursiva”,

³ O Imprinting termo (Konrad Lorentz) que dar conta da marca incontornável imposta pelas primeiras experiências do jovem animal. (2002:29)

Morin (2002:24), ou seja, na ação produto e efeitos são simultaneamente causadores e produtores da própria ação, os estados finais são imprescindíveis para a geração dos estados iniciais, a ação produz-se/reproduz-se a si mesmo num processo de retroalimentação constante por uma fonte, que em diálogo com o princípio Hologramático, onde cada parte contém praticamente a totalidade da informação do objeto representado.

O mote que conduz e dá dinâmica ao pensamento complexo é a incompletude e inacabamento, a parcialidade de todo o conhecimento, o que é ação é ação de um sujeito que compreende através do que alcança, percebe o mundo e a realidade a partir do lugar que ocupa e do ângulo em que o olhar observa, da maneira como apreende e expressa as informações que julgam necessárias e conexas à trajetória das idéias. A identidade humana está presente quanto qualquer outro sentido de pertencimento existente nas esferas do conhecimento, simultaneamente à sua multiplicidade está à parte de sua unidade e, no entanto os modelos de educação ignoram completamente nossa condição identitária no processo instrucional.

Ao fazer parte de uma sociedade, o indivíduo comporta em si a sociedade como parte indissociável de seu “Imprinting Cultural”, de tal modo penetra, formata e manobra os conhecimentos individuais. Para Morin a interação “indivíduo-sociedade-espécie” se articula na realidade que subsiste em nós enquanto verdades-circunstâncias que tecem fios que vão da biologia à física, da teoria da Informação à Cibernética, tramando uma teia que remove princípios e leis agregando novos nexos que estão além das ciências da vida, do mundo físico e do próprio homem, potencializando operantes cognitivos que facilitam a compreensão/explicação do conhecimento complexo reconhecendo no singular, sua originalidade e sua multirreferencialidade identitária, acreditando ser admissível à convergência entre todas as ciências e a identidade humana.

A construção social da realidade (2002:25-26), portanto, está em reintroduzir o objeto em seu contexto reconhecendo a relação parte-todo, em considerar a diversidade na unidade e a unidade na diversidade, de distinguir sem fragmentar, de reconhecer a completude, a hibridação, entre o caos e a ordem, o modelo e o desvio concebendo o enraizamento do conhecimento/sociedade como um “anel recursivo” (2002) o conhecimento se porta como produto/produzidor de uma realidade sociocultural em que a dimensão cognitiva é preponderante. Porém, os determinismos da sociedade moderna estabelecem limites, constrói paredes e delimita nosso horizonte de possibilidades, gerando uma “Normalização”⁴ (2002:31) que ao impor o “Imprinting”, barra os que duvidam, transgridem, contestam as desordens o desvio indicando os limites a não ultrapassar, as palavras a não serem ditas os conceitos a subestimar, as teorias a desprezar, neste sentido penetramos num conformismo perverso, absoluto, abissal, constituindo o que chama de “invariância das estruturas” Morin(2002:). Para Morais (2004) estamos diante de um pensamento que se caracteriza por ser consensual diante dos conflitos, que convive e respeita as diferenças, estimula o diálogo e penetra na estrutura do pensamento em suas múltiplas dimensões, incentivando a responsabilidade individual e coletiva.

⁴ Normalização, complexo de determinações sócio-noo-culturais que se concentram para reprimir, ao contrário do Imprinting que inibe. (Morin 2002:31)

2. Escola resistente: a institucionalização do conhecimento na modernidade.

Os sistemas formais de ensino, a chamada “educação formal” é fruto de uma expansão que foi levado a cabo na envergadura de um processo de asseveração da ciência dita positiva, racional, objetiva e linear enquanto fundante ideológico de uma parcela da sociedade do século XIX, a burguesia. Os ideários burgueses dão a base e estabelecem as relações específicas com a educação criando desta forma um imaginário que via na ciência – de bases racional, lógica e linear – relações determinadas e imutáveis de um conhecimento estruturado e sistematizado, onde o processo de produção acontece em sintonia com as novas revoluções científicas que instituem a “disjunção” de um saber acumulado pela humanidade, esta nova ordem trabalha um conceito de conhecimento que mutila o objeto e se distancia de o situar em um conjunto, onde a quantidade de informação não se consolida enquanto “conhecimento pertinente” (2000:35).

Muitos continuam acreditando que a afinidade de nexos entre ensinar e aprender depende simplesmente da capacidade operacional do professor em utilizar-se de bons e eficazes métodos e técnicas de transmissão. O modelo de escola instituído pela modernidade a isolava dos aspectos e práticas sociais - o *homo-sapien* jamais se encontra com o *homo-ludens*. Essa educação que posteriormente passou a ser chamada de “tradicional” quando questionada em seus pressupostos de modernidade, de verdades incontestáveis e definitivas, é incapaz de compreender a si mesma por incapacidade de compreender e praticar a fluidez heraclitana do mundo, na imobilidade de suas práticas pedagógicas que circulam até os dias de hoje, que faz do conhecimento um produto determinado, coisificando, banalizando suas relações de forças, de lutas, dispensando a busca criativa e específico-universal de verdade objetiva.

Os princípios norteadores e estruturadores da escola tradicional passam a não corresponder as necessidades do aluno em “aprender a aprender”, do professor que adquire funções diferenciadas das que tinha anteriormente, agora mediador, potencializador e orientador da construção da aprendizagem e do conhecimento, da própria escola que passa a ver a aprendizagem como processo de construção e reconstrução do conhecimento a partir de aspectos e práticas sociais. Ao instituir a democratização da educação o ideário da Revolução Francesa concretiza o modo de educação de massa de caráter técnico, mais tarde alicerçado no estilo Fordista de produção industrial a partir das necessidades educacionais cada vez mais prementes do mercado e da indústria.

Educação e ciência passam por uma crise de paradigmas e procuram conectar-se a alguns segmentos do conhecimento que alia universos de sentidos, subjetividades, imaginário, concepções e dimensões mais amplas de mundo que incorporam a complexidade que revisita o velho e ressignifica a práxis em extensão dialógica com a produção tecnológica e as mediações bio-antropo-socioculturais onde a racionalidade verdadeira na fala de Morin (2002) é sempre capacitada a dialogar com a poesia, a paixão, o desejo, o medo, a incompletude e incertezas de um conhecimento capaz de nos enviar aos limites da compreensão/explicação do real.

A educação impulsionada pelo desenvolvimento científico, tecnológico e pelo processo de globalização, rompe com a lógica imposta pela modernidade em seu corpo e faz surgir uma nova

cartografia do conhecimento e de transmissão deste conhecimento, um novo paradigma, não necessariamente incompatível com a educação presencial, mas regida por distintos critérios que estruturam um novo modelo de educação capaz de considerar a identidade como princípio válido no processo ensino-aprendizagem.

2. EAD e o educador/tutor: construção de uma identidade profissional.

Ser capaz de pensar e refletir a sua ação nas transformações é o mínimo que se exige de um educador, criar pontes entre o velho e o novo é demolir todas as paredes que se ergueram para edificação de uma escola repleta de 'inutilidades e fragilidades' científicas. As vozes do passado nos servem de referência e nos impulsionam a uma busca incessante por ideais libertários condizentes com nossas novas realidades e com o sujeito emergente que se descobre ator de uma rede de saberes, ações e mediatizações complexas análoga a uma colcha de retalhos tecida no contínuo processo das relações sociais. No cerzir dos retalhos o que fortalece as tessituras é a valorização permanente de um desenvolvimento de todas as nossas capacidades intelectuais que permitem novas conexões, interações, construções, principalmente novas demolições que viabilizem possibilidades de novos enfoques e olhares sobre velhas práticas educacionais e instrucionais, permitindo assim reflexões sobre um novo sistema educacional que sirva para perpetuar os ideais de uma sociedade em transição que se ancora na unidade e diversidade, na multireferencialidade, multiplicidade, pluralidade.

O papel que se quer de uma educação que se pretende complexa, ética, balizada no princípio de alteridade está na intervenção, transformação, emancipação do sujeito na reconstrução de um conhecimento que une, não separa o múltiplo e o diferente impedindo assim que se torne um produto qualquer. A modalidade de educação a distância deve se voltar para o indivíduo, ao ser proposta de forma massiva seu desenvolvimento depende menos de uma evolução tecnológica do que pedagógica. A experiência comprova que os processos de ensino-aprendizagem não são tão simples ao ponto de serem resolvidos apenas pela tecnologia, atualmente seus programas estão mais voltados para o sujeito que apreende o mundo, o real em instâncias diversas, ao possibilitar uma organização autônoma do aluno os programas de educação a distância demonstram o quanto está ancorados em propostas pedagógicas e didáticas para o estudo.

Em se tratando de EaD, toda e qualquer reflexão ajuizada sobre a formação do Educador/Tutor deve apoiar-se numa análise anterior das alterações contemporâneas de relação com o saber. Estabelecer uma relação pedagógica pluridimensional que propicie um espaço de segurança ontológica e de desenvolvimento dos atores envolvidos, não consiste no compartilhar apenas de um conhecimento comum a todos, assim como conhecer o projeto pedagógico não leva ao comprometimento do Educador/Tutor com o curso e como os alunos, responsável pela criação de um clima que propicie a construção de um conhecimento baseado na reforma do pensamento que compreende a condição humana em sua unidade e diversidade complexa. Amparamos o processo de formação

Educador/Tutor a via da complexidade do sujeito assinalada por Morin (2002), a noção de sujeito na perspectiva dos sistemas auto-eco-organizadores circunscrita na formulação de alguns princípios básicos, porém tomamos como fundante o princípio de identidade, a saber: refere à capacidade de lidar com signos, índices, com informações, que se desdobra em dois outros princípios o de exclusão e inclusão, o “eu” único e exclusivo do princípio da exclusão se imbrica com o “eu” do princípio da inclusão que depende do “eu” único, para se reconhecer como tal precisa do outro como condição de sobrevivência integrando sua subjetividade individual e singular a outras diferentes, a uma subjetividade coletiva, a complexidade da apreensão do conhecimento está consubstanciada nas dimensões que o sujeito comporta, psicológica, social e biológica e antro-po-cultural, na heterogeneidade da unidade e na unidade da heterogeneidade estão uma série de multiplicidades que singularizam as diferenças enquanto diferenças provendo-se de unidade e identidade.

Embora o aspecto da identidade do sujeito seja completamente desprezado pelos programas instrucionais por não levar em consideração os centros-sujeito de referência, ainda assim se constitui no princípio condutivo de sua formação, é a partir dela que se constrói o sujeito do ensino que orientará a construção do conhecimento de outros tantos sujeitos da aprendizagem. A formação identitária deste sujeito está alicerçada em sistemas de organização que “compreendem as interações que retroagem entre as partes que retroagem entre elas e sobre o todo” Morin (2000: p.191). Espera-se de um Educador/Tutor uma diversidade de atribuições que precisam estar respaldadas em sua identidade profissional consolidada a partir de certas capacidades necessárias a sua efetivação, que perpassa as práticas convencionais e se amplia nas particularidades de práticas educativas comprometidas com as novas formas de ser e agir que emerge do mundo da vida. Tornou-se lugar-comum dizer que o Educador/Tutor orienta, guia, apóia a aprendizagem e jamais ensina, esta concepção diz respeito às perspectivas tradicionais da EaD, nas perspectivas mais atuais o que se enseja é uma situação bastante peculiar é certo, mas condizente com o exercício de sua práxis-didático-pedagógico, ao criar atividades alternativas de reflexão, sugerir fontes complementares de informação, ao oferecer explicações contextualizadas favorecendo os processos de compreensão, ao criar estratégias de ação comunicativa e estabelecer novas formas de relações. o sujeito aqui denominado Educador/Tutor provoca uma mudança nas concepções pedagógicas e nas práticas de ensino que se cristalizaram na origem da modalidade a distância. O maior desafio que o Educador/Tutor tem para a eficácia de seu exercício é estar em consonância com cada situação a partir da perspectiva dos tempos, é ter uma formação teórica, disciplinar e didático-pedagógica sempre atualizada sólida e flexível o bastante para mudar e transformar sua práxis tutorial a partir do entendimento da proposta pedagógica e assim poder melhorar, inovar aprofundar o projeto sem que suas intervenções modifiquem o sentido da proposta pedagógica inicial.

Os Projetos pedagógicos de cursos a distância são normalmente fechados, sem intervenção por parte do Educador/Tutor na proposta, entretanto estamos diante de um ser humano/sujeito constituído de um conhecimento próprio onde seu “Imprinting Cultural” interferirá de forma decisiva em sua compreensão/explicação dos conteúdos elaborados a revelia do seu “Terminal Pessoal” e do aluno que em suas formas de ver e conceber o mundo utiliza-se de sua aptidão bioantropológica para organizar o conhecimento apreendido. Um sistema de tutoria deve ser visto como um

acompanhamento individualizado, cooperativo, uma abordagem pedagógica centrada no ato de aprender que põe a disposição dos discentes recursos que lhe permitem alcançar seus objetivos através da autonomia conquistada gradualmente. O Educador/Tutor é a 'vertente humana' da educação a distância, pois dinamiza e orienta a aprendizagem, estabelece o diálogo promovendo a comunicação. Esta postura, esta pautada em sua formação, nos aspectos acadêmico e profissional que devem ser cuidadosamente analisados pela equipe que o seleciona e contrata, afinal o feedback para futuras adequações dependerá unicamente das respostas do Educador/Tutor.

Os diversos processos de tutoria têm buscado sentidos atribuídos à presença das NTIC que abarcam novas possibilidades agregadas às práticas pedagógicas, entretanto pensar a tutoria a partir de seus suportes tecnológicos é no mínimo redução de pensamento, o Educador/Tutor - implica o ser sujeito que em abertura na relação ensino-aprendizagem interage com subjetividades construídas nas relações sociais, com o não banal com vários princípios, várias maneiras de lhe dar com os objetos de aprendizagem muito diversificados em suas circunstâncias complexas onde nem tudo que se quer ensinar é aprendido, o que irá depende de uma empatia, de uma sintonia entre quem ensina e quem aprende é necessário que exista uma interação comunicativa entre os partícipes do processo educacional, a dialogicidade, os laços de acordo partilhados que se estruturam na linguagem.

Morin diz que a linguagem é "um todo que não é tudo"⁵ (2002:197) é preciso saber articular a linguagem formalizada com a linguagem comum porque esta é a que estar no mundo das coisas, são suas fragilidades que dão a flexibilidade para compreensão de uma abertura maior de possibilidades através da combinação de palavras de definição precisa e palavras de vasta polissemia, a comunicação tem que se constituir em "jogos de linguagem"⁶ não pode estar isenta das complexidades da vida. Neste sentido a interação que o Educador/Tutor deve ser estabelecer com o aluno está circunscrita na capacidade de diálogo que este deve possuir e que o faz competente na construção de um conhecimento que não se baseia na mera reprodução das informações a partir da disponibilização excessiva de conteúdos para aferir conseqüentemente se o aluno aprendeu, mas se efetiva na troca que afasta a tutoria da prática corriqueira alinhada aos modelos de treinamento adestrado e instrução programada fechada que nutre no Educador/Tutor o papel primeiro de 'acompanhante funcional', 'tirador de dúvidas', etc.

5. Caminhos e descaminhos: considerações nada conclusivas

As experiências em tutoria têm nos levado a algumas considerações nada conclusivas, já que nos apoiamos nas incertezas e incompletude do pensamento de Morin (2002) sobre o real objetivo da Educação seja a distância ou presencial, em que ela não é apenas transmissão de inúmeros conhecimentos, mas, sobretudo: "Mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos,

⁵Da Linguagem, p.197/210.

⁶Segundo Wittgenstein em oposição ao Wittgenstein 1 da linguagem logificada.

mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência” MORIN (2001, p.47).

Assim, se consideramos que os processos de ensinar são sempre processos de aprender e de que as relações comunicacionais estabelecidas no campo da educação sejam elas mediadas ou não por tecnologias devem partir de um conceito de conhecimento complexo que se constitua para aluno uma reflexão constante sobre o devir, o vir a ser do homem em sua relação com o mundo e para o professor num exercício constante de ação-reflexão e reflexão na ação. Posto que a verdade não exista, devemos construir saberes a partir da incerteza do conhecimento, elemento fundamental para a construção de uma prática de educação a distância que gere autonomia e responsabilidade dos sujeitos envolvidos com os saberes constituídos e com aqueles a serem constituídos, o que inclui as tecnologias de comunicação e os processos de construção de sentido que contribui para definir as práticas coletivas de ensinar e aprender que considere e desconsidere as barreiras espaço-temporal aperfeiçoadas na modernidade principalmente no que diz respeito à capacidade humana de construção do conhecimento e aprendizagem para a vida.

5. Referências

ARETIO, Lorenzo G. **Educacion a Distância Hoy**. Colección de educação pemanente. Madrid: UNED, 1994.

LINHARES, r. Nunes. **Gestão em Educação Comunicação**. São Paulo: ECA/USP, 2003. Tese de doutoramento.

LITWIN, Edith. (Org) **Educação a Distância**: Temas para Debate de uma Nova Agenda Educativa, Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed editora, 2001.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagens na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG,1998.

_____ & VARELA, F. **De Máquinas e Seres Vivos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORAIS, M. Cândida **Pensamento Eco-Sistêmico**. Petrópolis/Rio de Janeiro; Ed. Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **O Método III**: O Conhecimento do Conhecimento. Trad. Juremir Machado da Silva, 1ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

_____, Edgar. **O Método IV**: As Idéias, Habitat, vida, costumes, Organização. Trad. Juremir Machado da Silva. 3ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____, Edgar. **A Noção de Sujeito**. In SCHNITMAN, D.F. (Org.) Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louise. **A Inteligência da Complexidade**. Trad. Nurimar Maria Falci.São Paulo: Petrópolis, 2002. (Série Nova Consciência)

_____, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.